

A RELIGIÃO TRADICIONAL NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE

TRADITIONAL RELIGION IN THE PRESERVATION OF IDENTITY

José Sumburane (*)

Resumo

A identidade como a existência de elementos uniformes e típicos de um grupo, abre espaço às novas gerações de encontrar elos de ligação com a velha geração quando esta preservar as tradições nela inbuídas através da valorização e cumprimento dos traços culturais da linhagem. Sabe-se que a identidade está inscrita nos valores e práticas existentes nas tradições e serve de guia e garantia de estabilidade entre os membros da comunidade. O ensaio evidencia o contribuição da religião tradicional na preservação da identidade dos Bitonga da comunidade de Jangamo com objectivo de compreender a contribuição desta religião na manutenção dos valores e práticas identitárias. O ensaio resulta do trabalho de campo desenvolvido na comunidade de Jangamo no âmbito da elaboração dissertação de mestrado. Desta recolha foi possível notar que a religião tradicional em Jangamo é praticada a nível do clã, núcleo família e individual. O culto dos antepassados pelas estruturas de poder local, pelos pais biológicos/sociais e individualmente permite integrar as novas gerações com as práticas tradicionais locais, reforçar a memória colectiva do grupo em relação as mesmas e fortalecer o núcleo étnico.

Palavras chave: Religião. Identidade. Antepassado.

Abstract

Identity understood as the existence of uniform and typical elements of a group, opens space for new generations to find links with the old generation when it preserves traditions by valuing and fulfilling the cultural traits of the lineage. We know that identity is inscribed in the values and practices contained in tradition and serves as a guide and guarantee of community stability. The essay highlights the contribution of traditional religion in preserving the identity of the Bitonga of the Jangamo community with the aim of understanding the contribution of traditional religion in preserving identity values and practices. The essay is the result of fieldwork carried out in the community of Jangamo as part of the preparation of a master's dissertation. From this collection it was possible to note that traditional religion in Jangamo is practiced at the level of the clan, family nucleus and individual. The cult of the ancestors by the local power structures, by the biological/social parents and individually allows to integrate the new generations with the local traditional practices, to reinforce their collective memory in relation to them and to strengthen the ethnic nucleus.

Keywords: Religion. Identity. Ancestor.

(*) josesumburane@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A cultura endógena é singular daí, sua sustentação e preservação exige identidade dos sujeitos aglutinados pela mesma, visto que pela identificação os torna diferentes de outros que não partilham os mesmos valores culturais que resistiram a influência do outro e, na actualidade servem de guia para forjar identidade as novas gerações em relação à comunidade e grupo de pertença através do seguimento de hábitos do passado que revela-se moderador da vida da colectividade.

O ensaio em perspectiva aborda a contribuição da religião tradicional na preservação da identidade dos Bitonga da comunidade de Jangamo¹ cuja finalidade é realçar o cumprimento da tradição religiosa como fundamento para a preservação dos valores identitários em torno do território, valores, práticas e indivíduos da nação, grupo e família. Abordar a religião tradicional é procurar encontrar valores e práticas culturais reconhecidas construtoras da união e bem-estar dos membros da comunidade, bem como buscar costumes de religiosidade que os distinguem dos que não o são e, traçar possíveis elementos que contribuam para cristalizar a ligação com os antepassados.

A fixação dos missionários católicos portugueses em 1941 na comunidade de Jangamo, marcou a inserção de nova tradição religiosa. O facto constitui o fundamento do desenvolvimento deste ensaio, pois os propagandistas do cristianismo buscaram vincular novos costumes religiosos ocidentais, enquanto combatiam as práticas religiosas endógenas. Fontes orais e relatórios sobre a acção missionária citam o combate a todas as formas de lazer autóctones e de religiosidade africana pelas autoridades eclesiásticas considerando-as como desviantes. Apesar disso, a missionação não conseguiu desligar a ligação dos Bitonga com a religião baseada no culto dos antepassados da nação, da linhagem e da família, já que quando acontecem insidentes que põem em causa o bem-estar da comunidade e seus membros, estes recorrem esta religião para comunicar os acontecimentos e clamar pela reposição da tranquilidade e prosperidade. Neste caso, somos levados a seguintes indagações: Por que os Bitongas buscam ligação com os antepassados como fundamento religioso e de que modo é feita esta conexão nos diversos níveis? Qual o contributo da religião tradicional dos Bitonga na preservação da identidade?

¹ Jangamo é um distrito da província de Inhambane. Geograficamente, localiza-se a sul de Inhambane, na costa oriental da província e é banhado pelo oceano Índico. Apresenta como limites a norte, a cidade de Inhambane (capital provincial); a noroeste, área Municipal da Maxixe; a oeste, o distrito de Homoine; a sul e sudoeste, o distrito de Inharrime e a Este, o oceano Índico (MINED, 1986:10).

A produção do ensaio foi possível graças a entrevistas feitas na comunidade de Jangamo no âmbito da produção da dissertação² de mestrado apresentada na Universidade Pedagógica de Maputo em 2010. A reflexão pretende ser uma contribuição na divulgação das tradições religiosas africanas no geral e moçambicana em particular ao trazer as representações sócio-culturais dos Bitonga de Jangamo.

2 A RELIGIOSIDADE DOS BITONGAS EM JANGAMO

Para o africano tradicional os mortos continuam fazendo parte da família viva, já que a morte não significa a destruição dos laços entre os vivos e os mortos. Estes apenas mudaram a sua forma de existir, mas continuam existindo de tal maneira que eles têm direitos e deveres em relação aos familiares como serem lembrados, tratados e protegerem os vivos (Langa, 1983: 13). Para o efeito de reivindicação de direitos, constituem sinais de revelação as doenças, a morte de filhos/parentes, a desordem, os roubos, os azares, os desastres, entre outros (Feliciano, 1998: 373). Em observância e resposta a esta linguagem ou voluntariamente, os Bitonga reúnem-se temporariamente para realizar cerimónias de evocação dos antepassados³ (*dziguluvi*⁴) a três níveis: linhagem, familiar e individual, envolvendo dentre vários aspectos, dependendo do nível e importância, o sacrifício de animais como vaca, cabrito/ovelha e galinhas.

A cerimónia a nível linhagem é designada por *mhamba Nha yi Komgolo*⁵ destina-se à memória de *nguluve* (antepassado fundador), mas acaba-se por associar a outros antepassados para que colectivamente possam cumprir o dever de proteger os vivos. A realização desta é propiciada pelo *nguluve* através de crises como forma de chamar atenção dos vivos, daí estes entrarem em acção pelo medo de vingança que resulte numa devoção filial que inspire sacrifícios. Em harmonia com Langa (1983), “*não se exclui a hipótese de um membro do clã tomar a iniciática*” (74), mas a realização e modalidade carece de confirmação pelos ossículos divinatórios. O oficiante deste sacerdócio é o chefe da linhagem, geralmente, homem mais velho, isto é, um filho só torna-se sacerdote/oficiante em caso de incapacidade do pai/tios paternos.

² Dissertação de mestrado intitulada tradições e formação de identidade no caso de Jangamo, 1992 – 2009.

³ Os antepassados são designados por *Nguluve* no singular e *Dzinguluve* no plural. Localmente a cerimónia de evocação se designa *mhamba*.

⁴ *Dzinguluve* significa antepassado no plural.

⁵ *Mhamba Nha yi Komgolo* - trata-se de cerimónia realizada em memória do antepassado fundador que geralmente, seu nome constitui identidade do grupo.

A realização da cerimónia constitui uma das formas pelas quais os vivos e os mortos estabelecem uma relação, partilhando as alegrias e as tristezas, já que a oração exprime preocupações profundas e vitais. A cerimónia desenrola-se seguindo seguintes etapas:

A primeira consiste na realização de um ritual na floresta sagrada onde jaz o fundador da nação e outros com a finalidade de os convidar⁶ a fazer parte na cerimónia.

A segunda consiste no sacrifício dos animais no altar (*magandzeloni*) a ser feito pelo homem mais velho da família.

Na terceira são apresentadas oferendas aos antepassados (*dzinguluve*). A segunda e terceira etapas desenrolam-se no altar e consistem na oferta de porções dos animais sacrificados, maheu (*uphutu*) e aguardente.

A última consiste em apanhar e limpar os excrementos (*guwola unxwanye*) dos animais sacrificados espalhados a volta do altar com a finalidade de purificar os indivíduos, coisas e povoação.

A matéria do sacrifício é constituída por maheu (*uphutu*) preparado a base do milho, aguardente, um boi, casal de galinhas, um cabrito/ovelha⁷ e o som sacramental *psu*⁸, que procede toda oração/evocação dos antepassados e consiste em, o oficiante meter aguardente na boca para depois cuspi-lo emitindo o som *psu* sobre o altar estabelecido junto a uma árvore.

Os sacrifícios são feitos pelo chefe da linhagem na presença obrigatória de um curandeiro e netos. O chefe da linhagem faz oração nos túmulos e, é ele quem se dirige aos *dzinguluve* no altar. O curandeiro funciona como mestre de cerimónia que zela pela observância rigorosa do ritual, para não se incorrer na simplificação das fases da sua realização. A presença dos netos é sinaliza que a geração vai mais longe através dos filhos. Representando os antepassados, os netos consomem as porções dos animais sacrificados para *dzinguluve* depositados no altar. Para além dos sacrificadores, nesta cerimónia participa um conjunto de famílias da linhagem e constitui um momento que permite ultrapassar possíveis divergências, isto é, um campo para reconciliação, renovação e aprofundamento das relações de união entre os membros da linhagem.

⁶ O convite denomina-se *guya dzega vafi* (ir buscar ao antepassados). Esta cerimónia pode ocorrer num local distante porque no passado, a morte do chefe de família podia implicar mudança de residência e o local onde jaz os antepassados passava a ser sagrado.

⁷ A orientação do cabrito e ovelha, se macho ou fêmea é mediante a consulta ao médium da família.

⁸ Momento em que leva água na boca e cospe duas vezes pronunciando o som sacramental *psu*.

Na cerimónia no núcleo familiar são realizados ritos secundários ou de menor alcance, isto é, ritos que dizem respeito a indivíduos singulares bem precisos. (pai, mãe, filhos). O número de participantes reduz-se e o ritual simplifica-se, significando ausência de certas matérias de sacrifício como maheu, devendo empregar-se somente o aguardente/água para emitir o som sacramental *psu* no altar familiar estabelecido numa árvore ou numa palhota construída para o efeito de culto aos antepassados. Geralmente, neste altar podemos ter um pequeno tronco⁹ enrolado com panos de cores variadas, uma panela de barro pequena e uma garrafa contendo aguardente a ser renovado em cada cerimónia como mostra a figura.

Local familiar de evocação dos antepassado



Fonte: tirada pelo autor em 2009

A cerimónia é realizada em memória aos antepassados da família (*dziguluve*) com intenção de buscar bênção traduzida em prosperidade e êxito de membros da família. Por via disso, quando um membro da família emprega-se formalmente, o primeiro salário deve entregá-lo ao avô ou avó para apresentá-lo aos antepassados para que sua carreira profissional seja sucedida. Igualmente, temos a acção de graças para o êxito da época agrícola, pois as premissas são apresentadas aos antepassados pelo chefe da família. Compreende-se que entre os Bitonga a oração é feita para responder a situações pontuais e não há espaço para generalização destas no contexto familiar.

⁹O tronco enterrado no altar junto a uma árvore, geralmente aparece enrolado de panos de cor preta, branca, axadrezado com mistura de azul, vermelho e branco.

A iniciativa para a realização da *mhamba* familiar cabe ao chefe da família (indivíduo vivo) e, em segundo plano pode ser a pedido dos antepassados da família mediante alguns sinais como azares, desordem, roubos, azares, desastres, entre outros, mas não se dispensa a consulta ao médium caso a cerimónia seja de grande envergadura.

A cerimónia familiar é dirigida pelo chefe da família. Na ausência deste é conduzida pelo irmão imediato ou seu filho, o que indica que o sacerdócio na religião tradicional pertence aos homens. Nesta participam os elementos do núcleo familiar alargado a todos membros como pai, mãe, filhos, netos e avos paternos. A matéria de sacrifício varia segundo tipo, objecto e número de participantes. Caso seja socialização de premissas agrícolas, chegada de novo membro na família¹⁰, anuncio da época agrícola, aí recorre-se apenas ao tabaco e água para som sacramental *psu* para cerimonial.

Quando se trata de *mhamba* resultante de crises na família constitui matéria para cerimónia o *maheu*, sacrifício de galinhas e aguardente para som sacramental *psu*. No dia da *mhamba*, a família liderada pelo pai biológico/social reúne-se no altar (local sagrado) família, geralmente na madrugada e na presença de todos membros da família para testemunhar o cerimonial. Após o sacrifício de animais, juntam suas porções (tripas, dobrada, fígado, patas) numa *gamela*¹¹ contendo *maheu*, sementes agrícolas e valor monetário. As outras porções dos animais são cozidas com água e sal e posterior consumo neste local.

O oficiante da cerimónia (pai biológico/social) segura a gamela com porções dos animais, enche a boca com aguardente e emite o som sacramental *psu* no altar (*magandzeloni*) enquanto despeja as porções numa pequena cova previamente preparada no altar (*magandzeloni*) enquanto evoca os antepassados anunciando os respectivos nomes (papa Y, avó K, Z, V, X) insistindo na situação que apoquenta a família e reconhecendo-lhes a capacidade de orientação. A evocação termina com a saga linhagem (espécie de pai-nosso), *Ndhaúwe*, *thokhoza* (o mesmo que dizer, obrigado, ámen) do mestre da cerimónia e os restantes membros da família batem palmas e tocam *mikhulunguana*¹². Igualmente, na cerimónia familiar, a presença dos netos é indispensável e são estes que abrem a gamela, mediante pagamento simbólico

¹⁰ Nascimento de uma criança.

¹¹ Gamela trata-se de um prato produzido a partir de tronco de uma árvore.

¹² *Mikhulunguana* é soltar som pela boca enquanto mexe na língua.

em dinheiro ao avô para estes retirarem as porções dos animais para as consumir. Cabe ao oficiante, geralmente avô para os netos, levar a gamela para a palhota onde vai passar a noite, significando levar consigo os antepassados para dentro.

Reza a tradição oral que o sucesso da *mhamba* depende dentre vários factores da presença dos netos. Em caso destes não participarem, sobretudo o mais velho, diz-se que os antepassados não partilham da cerimónia, por conta disso, as preces não serão respondidas, significando para tal que foi sacrifício e consumo em vão.

Por que é que os netos são indispensáveis na *mhamba* familiar? Reza a tradição que tudo começa quando um chefe de família, criador de gado, precisou de um pastor para apascentar a sua manada. Este foi buscar um dos filhos da sua irmã para o efeito, alegando que seus filhos não poderiam o fazer por causa da escola. O jovem trabalhou durante muito tempo, mas o avô quando percebeu que ia baixar para o túmulo repartiu a fortuna pelos filhos excluindo o neto. Após a morte, enquanto se preparava o velório, introduziram dinheiro na urna enquanto o neto via. Na noite do mesmo dia, o neto dirigiu-se à sepultura e tirou o dinheiro para comprar algo como recompensa uma vez nada recebera como pastor de gado do avó. Dias depois, o finado revelou a um dos filhos o neto o levara o dinheiro e recomendou: Em minha memória, sacrifiquem um animal e deixem cauda e dinheiro ao meu neto. Por isso, durante a *mhamba* mistura-se dinheiro e porções dos animais, sementes, *maheu* muna gamela e os netos deverão removê-la do local e consumir o necessário incluindo o dinheiro, simbolizando a remoção da sepultura para tirar o dinheiro.

Os netos não só devem estar presentes para consumir as porções e apoderarem-se do dinheiro, como também são os responsáveis pela limpeza do local no dia seguinte, mas antes, o oficiante fecha a pequena cova na madrugada para logo pela manhã os netos façam a limpeza, finda a qual deixam as vassouras na porta de entrada da palhota onde o avô passou a noite. A estes, o avó deve neste momento entregar a cauda do animal sacrificado (*likhondro*) ou oferecer-lhes um animal a ser consumido pelos netos e um valor monetário não especificado e, no final são responsáveis por lavar a loiça. A oferta significa agradecimento pela presença dos netos.

As cerimónias a nível individual consistem em oração/evocação dos antepassados individualmente num culto em os sacrifícios e oferendas estão ausente, mas o destinatário é *nguluve* ou *dzinguluve* sempre que este vê-se diante de alguma dificuldade.

Em todos níveis, a realização da evocação dos antepassados mostra que o homem no tempo e espaço sempre procurou conectar-se poderes espirituais para sua salvação e partilha sucessos/realizações.

A realização de cerimónias na linhagem e na família são animadas pela dança de *zore*¹³, onde as mulheres trajam *muendra*¹⁴ amarrado com uma cinta (*unkheka*), lenço na cabeça e protecção dos seios com um lenço e os homens apresentam-se como palhaços e quanto mais palhaços ficam, melhor é para o espectáculo. A dança é feita com recurso aos seguintes instrumentos musicais: *likhulo* (bataque grande), *mikhiriço* (dois batusques pequenos), *tchakala* (zinco). Esta dança anima também outros eventos públicos, geralmente com a participação de grupos de povoados distintos para competirem na performance.

3 RELIGIÃO TRADICIONAL NA PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE DOS BITONGA

A partir da altura em que o homem passa a domesticar os mortos criando cemitérios familiares e públicos inicia a veneração e a identificação com os antepassados como panteão familiar.

Entre os bitonga os funerais são realizados nos cemitérios familiares e desenvolvem identidade individual e colectiva em relação aos mesmos. A individual está ligada ao túmulo de cada morto através gravação do nome, data de nascimento e morte, e colocação da cruz. A colectiva relaciona-se com o espaço onde jazem os restos mortais de determinada linguagem e família.

Pertencem à categoria de antepassados todos os que morreram enquanto tinham famílias constituídas, mas para sua inclusão é indispensável a realização da cerimónia de *guirehlehdzo gya muhfi*¹⁵, ritual que sucede após o funeral somente para aqueles que tinham famílias constituídas para que o finado não crie instabilidade entre os vivos e insira-se no panteão de antepassado para servir de guardião da vida e bem-estar dos vivos.

Entre os vivos, seus familiares, somente desaparecem fisicamente e não espiritualmente, pois estes passam a pertencer à categoria dos antepassados na qualidade

¹³Dança floclórica dos vatonga executada geralmente pelas mulheres ao som dos batusques e que consiste em revolver a cintura.

¹⁴*Muendra* trata-se de uma capulana muito grande resultante da união de duas separadas por uma renda.

¹⁵ *Guirehlehdzo gya muhfi* significa garantir um descanso eterno do ente querido e sua inserção no panteão familiar. Neste ritual, sacrifica-se cabrito e galinha e o sangue deve jorar na campa. Os animais são esfolados e a cabeça e as patas ficam na respectiva pele. A estes juntam-se as partes internas e um pano branco que depois são enterrados na mesma posição do morto.

de guardiões dos vivos. Por conta disso, as cerimónias fúnebres encontram-se ao serviço da vida, sobretudo, para todos aqueles que tinham lar constituído. A estes, os familiares ou autoridades locais dirigem suas preces para a garantia da fecundidade e protecção da comunidade e seus membros. Passadas várias gerações, quando se realiza a *mhamba*, os antepassados, muitas vezes com longevidade de décadas, são evocados no local sagrado preparado como forma de imortalizá-los no grupo familiar e conferir-lhes poderes espirituais sobre naturais.

Os locais sagrados públicos e familiares são lugares prestação de culto, pois é aqui onde a membros da linhagem e família oferecem sacrifícios em memória dos seus entequeridos e ajoelham-se diante dos antepassados para apresentar preocupações que os aflinge, apelam pelo bem-estar da comunidade e das famílias da comunidade e, são apresentados os benesses, sucessos das profissões e apela-se a continuação do para o engrandecimento da família em particular e comunidade no geral.

Quando uma linhagem pioneira ocupa e sedentariza-se num determinado espaço, as orações são dirigidas aos antepassados que deram origem a linhagem. Após a morte do fundador, o local passa à categoria floresta sagrado, e torna-se um local público¹⁶ e, passam a ser evocados os antepassados fundadores, aos quais são socializadas as aflições, solicitações para o bem-estar da comunidade e as premissas colheita para que haja fartura.

Cada família cria o respectivo local sagrado, quer seja da família alargada liderada pelo pai social bem como para a família particular sob tutela do pai biológico onde, igualmente, são evocados as antepassados mediante sacrifício de animais para estabelecimento da comunicação com estes poderes espirituais para socialização das aflições, dos pedidos e das oferendas. Estes locais estão ligados por poderes espirituais cuja finalidade é estabelecer ligação com os antepassados que revelaram a terra e garantem a prosperidade na mesma.

Reza a tradição local que no início de época da sementeira, o responsável do povoado evoca os antepassados fundadores com objectivo de informá-los sobre o início da época agrícola para que seja frutífera. Todas as práticas, quando bem sucedidas criam no grupo uma segurança, um sentido de enraizamento e sentem-se identificados com o local e antepassados fundadores e outros.

¹⁶ Torna-se floresta sagrada por que no local passa a ser proibida a pratica de qualquer que seja a actividade.

Cada família tem seus deuses (antepassados familiares) de ligação biológica ou consanguínea. É a estes que o pai biológico ou social dirige as preces no local sagrado familiar. Após casamento, o casal cria o respectivo local de culto aos antepassados onde são realizadas pequenas cerimónias ligadas ao nascimento de criança, o pedido de cura de doenças e a protecção contra maus espíritos. Quando se trata de cerimónias que requerem o envolvimento da família alargada, realiza-se a *mhamba* dirigidas pelo pai biológico/social (membro mais velho) envolvendo sacrifício de animais com a finalidade de socializar os sucessos e libertação dos maus espíritos. Por conta disso, cada grupo linhageiro identifica-se com os antepassados fundadores, que são evocados pelo chefe da povoação na floresta sagrada.

Em todos níveis, o culto dos antepassados não é efectuado de forma permanente, mas sim periodicamente. A linhagem fundadora as realiza com objectivo de apresentar preocupações que afligem a comunidade e o chefe da povoação/da linhagem e da família com o propósito de socializar os problemas e buscar uma solução. A prática representa um aspecto de organização social e política porque contribui para a coesão e estabilidade da comunidade e consolidação dos laços familiares, para além de desenvolver crença em torno de ideais comuns para o bem-estar. Vejamos por exemplo, em casos de escassez de chuva, o chefe do povoado, evoca os antepassados na floresta sagrada a pedir a queda de chuva. O sucesso desta e prática, levou à repetição da sua realização ao longo das gerações tornando-se em tradição na qual todos se identificam.

A religião tradicional reconhece a existência de espíritos com dinâmica na vida para o bem-estar dos membros da comunidade, daí a valorização como prática continuada porque constitui uma força e presença na qual ninguém pode evitar aderir de forma consciente para o bem pessoal, familiar e comunitário. Nesta perspectiva, esta aparece como um elemento humanizador, circunstancial e interessado. Humanizada ao tornar a vida humana digna de ser vivida nas melhores relações individuais; circunstancial ao rezar-se por ocasiões de certos acontecimentos como as *mhambas*; interessada ao fazer apelos aos antepassados para satisfazer as necessidades humanas, isto é, os deuses são geralmente evocados na maior parte das vezes para dá-los a conhecer os problemas que afectam as nossas vidas, para, destes, obterem-se soluções.

A identificação e aceitação de envolvimento nas práticas da religião tradicional, desenvolve um sentimento de pertença em relação ao território e ao grupo. Trata-se de um espaço com memórias históricas dos seus antepassados que os une em torno do mesmo local e há vestígios que os liga com o passado como a propriedades, os locais

sagrados da família e da comunidade e o cemitério onde jazem os familiares. Todos os membros conhecem os seus direitos e deveres e estes moldam o carácter à volta dos valores peculiares que simbolizam o ideal da comunidade como a hospitalidade e o respeito pelo bem comum e particular. Em harmonia com Smith (1997:30), a ligação com os locais sagrados proporcionam aos indivíduos centros sagrados, objectos de peregrinação espiritual e histórica, que revelam singularidade da geografia moral na sua nação. Os indivíduos estabelecem elos sociais a partir das linhagens estabelecidas a nível das povoações e produziram, através do repertório das suas tradições, símbolos e valores partilhados. Os símbolos locais (locais sagrados da família e públicos), as sepulturas e as cerimónias (de defuntos e antepassados), os membros da comunidade recordam a herança comum e suas características culturais e assim, sentem-se fortalecidos e exaltados pelo sentido de pertença comum, consolidando desta forma a identidade em relação as práticas e normas tradicionais. Smith (1997, p.37) destaca que a ligação de um povo por um nome próprio (neste caso bitonga/vatonga); pelo mito de linhagem; pelas memórias partilhadas, pela associação a terra natal e por um sentido de solidariedade em sectores significativos da população, definem uma comunidade cultural e com um sentido de identidade comum. A atribuição de um nome ao grupo ligado ao antepassado comum torna firme o grupo nas suas exigências quanto ao futuro que para esse efeito todos tendem a identificar-se com determinados signos e símbolos comuns que, de tempo em tempo são socializados às novas gerações durante a realização de cerimónias na comunidade, nos povoados e nas respectivas famílias.

Durante os encontros sociais, seja de realização de cerimónias como a *mhamba* e casamento, todos os participantes actuam seguindo um comportamento que mostra o seu entendimento sobre a situação em curso e a percepção dos participantes e dele próprio. Durante esses encontros, todos procuram reagir, mantendo um comportamento típico da família e da comunidade para com relação á realidade social na qual estão submetidos. A conduta de cada um é resultado da construção social dentro da família e do clã e que é socialmente aceite pelo grupo. Essa identidade, em conformidade com Hall (2002:12), é resultado do encontro entre o pessoal e o social que pertence a todo o grupo do qual se internalizam os valores significativos do grupo, passando a fazer parte de todos, compondo nossos sentimentos subjectivos em relação aos lugares objectivos a que pertencemos no quadro sócio-cultural. Por conta disso, a religião tradicional costura o sujeito à estrutura e estabiliza-o no mundo cultural que o governa, tecendo à volta do mesmo uma identidade em relação ao território e grupo de pertença.

A organização de encontros sociais em cumprimento do culto dos antepassados pelas estruturas de poder local e pelos pais biológicos ou sociais permite integrar às novas gerações com as práticas tradicionais locais e reforçar a sua memória colectiva em relação as mesmas. Estes encontros fortalecem o núcleo étnico e tornam mais coeso o grupo em torno de valores e ideais comuns. A consolidação dos valores da comunidade na nova geração pode também ser fortalecida através de debates sobre elementos tradicionais a valorizar o que tornam sua identidade indelével. O diálogo deve colocar frente a frente a velha geração com a nova, onde os jovens aprenderão dos velhos a ser moderados na sua forma de ser e estar e, em caso de desvios, serão corrigidos, caso estejam a mostrar comportamentos que desviam as normas elementares de vida comunitária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião tradicional é praticada entre os Bitonga e, e marcada pelo reconhecimento dos antepassados dos seres supremos com poderes para causar e prevenir o mal, daí a realização de cerimónias em memória destes, já que este povo acredita que, evocando-os, pode alcançar a prosperidade na família e na comunidade. Por isso, o culto representa um momento não somente de imortalização, mas também de reconciliação entre os vivos com os mortos na busca de soluções de apoquentam os membros da sociedade.

A religião tradicional africana desenvolve-se a nível da linhagem, família e individual. Exceptuando a nível individual, esta exige sacrifícios e um oficiante, geralmente mais velho do grupo para estabelecer a ligação com os antepassados. Os membros da comunidade, embora ajam como autónomos identificam-se com as tradições religiosas desta nação a qual reconhecem como fazendo parte.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Bernardo Amaral. **Matimo, Masaho ni Dzitekatekane nya Vatonga:** Histórias, clãs, provérbios e adágios dos vatonga de Inhambane. Milano: Edizioni Biblioteca Francescana, 2009.

LANGA, Adriano. Questões Cristãs à Religião Tradicional Africana (Moçambique) - I. *In ITINERARIUM: Revista Trimestral de Cultura*, ano XXIX, Nº 115, Lisboa: Editorial Franciscana, Janeiro - Abril de 1983.

LANGA, Adriano. Questões Cristãs à Religião Tradicional Africana (Moçambique) – II. *In ITINERARIUM: Revista Trimestral de Cultura*, ano XXIX, Nº 116, Lisboa: Editorial Franciscana, Maio - Agosto de 1983.

LANGA, Adriano. Questões Cristãs à Religião Tradicional Africana (Moçambique)– III. *In ITINERARIUM: Revista Trimestral de Cultura*, ano XXIX, Nº 117, Lisboa: Editorial Franciscana, Setembro - Dezembro de 1983.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, 11^a, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MENDES, J. M. Oliveira, **O Desafio das Identidades**, *cap.* 13. In SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**, 3 ed., S. Paulo: Cortez, 2005.

MINED. **Atlas Geográfico, vol. II**, 2 ed., Maputo: INDE, 1986.

SMITH, Anthony, **Identidade Nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SUMBURANE, J. F. B. **As Tradições e Formação de Identidade, Caso de Jangamo, 1992 – 2009**. Universidade Pedagógica: Maputo, 2010 (Dissertação de Mestrado).

Ordem Franciscana de Moçambique. **A Acção dos Franciscanos em Moçambique durante o ano de 1961**. Inhambane, Março, 1962.

SIMÕES. Afonso. **Acção dos Franciscanos durante o ano de 1962**. Inhambane, 1963.

SIMÕES, Afonso. **A Acção dos Franciscanos em Moçambique durante o ano de 1963**, Inhambane, Setembro, 1964.

(Recebido em julho de 2023; aceito em julho de 2023.)